



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

ABATALLA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Administração estrangeira

Volta-se novamente a falar em administração estrangeira. Aqui e ali, se discute política... é quase infalível vir a conversa a cair, ao cabo de pouco tempo, no predilecto tema: a administração estrangeira.

Fala o comerciante, fala o médico, falam certos militares, fala o financeiro, fala o político de ofício, fala até o capitalista ali defronte ou o vizinho carvoeiro aqui do lado; todos a propósito do desgoverno do país, do seu estado precário, do pavoroso «defeito» (sic), do lastimando o descalabro a que isto chegou; todos sentindo certo frio na espinha só com a hipótese de vir aí, de escautinhão, o bolxevismo e todos dando como remédio a esta situação alardeadora... a administração estrangeira! E tem esta gente toda a palavra pátria sempre na boca! E enchem, enfáticos, as bocanhas, afoando os ares com o seu patriotismo!

Fazem lembrar aquele chefe de família, sempre bêbado, sempre perdidinho, jogador incorrigível que, tendo arruinado a sua casa, pede ao amigo que lhe vá administrar os poucos bens que ainda restam, e continua a falar com embôfia da sua casa, fazendo, assim, a confusão mais formal da sua impotência, da sua incompetência, da sua formidável torpezal.

Eu não sou patriota; ou, por outra, a pátria tem para mim um significado tão extenso, tão vasto que abranja a humanidade inteira e, portanto, não cabe nos acanhados moldes em que as classes dominantes vasaram aquilo a que chamam pátria...

A pátria envolve a ideia de património, e nós, proletários, não temos património algum; portanto não podemos ser patriotas... Já o diziam Pouget e Marx.

Esta cousa de dar o meu sangue — e, quando não o meu sangue, o meu esforço cerebral, o meu trabalho mecânico, o produto do meu ganha-pão, o meu sossêgo, a minha liberdade, para enfeitar a moda burguesa essa pátria que engorda os seus filhos mais privilegiados; essa pátria que tira o património aos seus mais dedicados crentes; essa pátria que, afinal, é pátria dos outros, dos outros que não mexem uma palha por sua causa, mas que a fazem maior aos fanáticos por ela, bem como, para lárga, nos descrentes — não é ideal, bem está desses outros — não é ideal que me enleve... que me arranque a minha absoluta indiferença, a minha inerência proposada; que me faça, sequer, mover um dedo, por impulso próprio, para que essa pátria, que tudo me rouba, tenha mais extensão, mais amplos recursos extorquidos a outros, maior glória e mais prestígio. Todas as bonitas cousas não dão mais uma ideia à incomensurável multidão de minutos; não trazem a mínima parcela de felicidade à aflita legião de desgraçados.

Que o político, o padre, o militar, o comerciante, o industrial, o banqueiro matem o bicho do ouvido com a sua pátria, está bem; porque ela, para eles, é realmente pátria... embora para alguns o seja, enquanto nisso tiver interesse ou acharem vantagem em não a atirar... para procurarem, em terra estrangeira, lucros e proventos mais rendosos; ainda que, afim de tanto conseguirem, seja preciso combater a sua pátria, o seu país natal... Os Correlatos, os Catilinas, os Sertórios, os Bezains, os Condés, os Migueis de Vasconcelos, e tantos outros outros abundam na história e só prova o valor que a pátria tem para as classes dominantes. Se da a esses tais os serve, tudo vai bem; e então, se alguém a atacar, dão, para a defenderem, resolutamente e corajosamente a vida... dos outros, não sem canis... Se, a bem dos seus interesses, é preciso traír a pátria amada, combater contra ela, não haja dúvida, traí-la-hão e a combaterão, dando, sempre, com decidida coragem a vida... dos tais... dos outros, dos desgraçados, dos pobres diabo, que ainda acreditam em lérias; sem embargo de, com corajosamente e com toda a audácia, exporem a vida... dos que a pátria apreciam pelo seu justo valor que, queiram ou não queiram, não de sempre, como os pobres diabos, a vida de canhão.

Por tanto, não sendo patriota no sentido geralmente dado pelos que, da pátria, tiram ótimos frutos, nada me preocupa que chamem pela administração estrangeira para o seu país. Devo — como direi? — coerentes... A pátria para eles é o manancial de riquezas, prosperidades e venturas pessoais, tanto mais caudaloso quanto mais a administração dela for; isto é: quanto melhor sugados forem os povos, quanto mais sublocados forem as rebeliões e subversões do corpo e do espírito estiverem os produtores para se terem esfolado no altar da pátria, e se os governos de casa não conseguirem domar o boi, com impetos de guerra, que é o povo; se não alcançarem as matrias entontecedoras da fé e da fé, a impotência, bom é que venha de fora administradores tesos, capazes e duros que esmaguem as rebeliões dos famintos, quebrem as cabeças dos desgraçados, espremem bem a população e anemhem os reditos; quanto na divisão do bôlo, há valores e conjuguados com a ciência...

Se a administração estrangeira é inevitável em países esmagados por guerra económica movida pelo esgoço e depauperados por oligarquias políticas que, por indole, só olham o interesse na máxima intensidade de exploração e correspondente aumento de receita dos impostos alardeando, não resta dúvida.

EM VOLTA DA POLÓNIA A LUTA É VIVÍSSIMA

O que diz a imprensa alemã, comentado pela agência

PARIS, 19. — O reviramento militar que se operou na situação militar polaca leva os jornais alemães, mesmo os mais hostis à Polónia a pronunciarem-se com mais imparcialidade sobre os acontecimentos russo-polacos.

O Lokal Anzeiger, que não ocultava a sua simpatia pelos bolchevistas, escreve:

«Lançarmo-nos por um sentimento escudado nos braços dos libertadores do jugo polaco seria, sob todos os aspectos, um erro. Se o regime soviético, que se mantém na Rússia, se aproxima, a próxima vítima será a Alemanha. Se succumbir, o que é possível, uma Alemanha em boas relações com os bolchevistas seria um adversário natural de todo o novo governo russo. A nossa atitude em relação à Rússia deve ser de fria correção».

O Worwaerz também presente o perigo: Se a Rússia soviética que conquistou a simpatia dos trabalhadores da Europa, deve conformar-se com as palavras de Tchitcherine a respeito da independência da Polónia, e afirmar que:

A opinião de alguns ministros, cujo combóio foi bombardeado pelos russos

PARIS, 19. — A imprensa francesa narra que os ministros Witos, Daszinski, Skiski e Grabski visitaram diversos sectores da linha de batalha polaca,

Uma contra-ofensiva dos polacos vitoriosos, segundo a Rádio

VARSÓVIA, 19. — Depois de terem deixado aproximar as forças bolchevistas do curso médio do Vístula e até aos fortes externos de Varsóvia, os polacos desencadearam uma contra-ofensiva nas duas alas. A primeira, partindo de Dablin e de Ivangorod, na direcção de Brest-Litovsk, desenvolveu-se sob o comando do chefe do Estado. A segunda foi lançada do Modlin-Nowogrod, subindo o Narewa, em quantas outras forças polacas se lançavam a longo da linha férrea de Varsóvia a Dantzig.

O contra-ataque polaco do sul, cujas tropas eram comandadas pelo general Pirsudski, teve por efeito desalojar o inimigo de toda a linha a partir do rio Wierpaz até Ilawa, numa profundidade de 40 a 80 quilómetros. Na direcção de Brest-Litovsk, as tropas polacas atingiram Iparosov. Estas tropas operaram a sua junção com a ala direita do exército polaco, que uma feliz contra-ofensiva tinha feito avançar na mesma direcção.

ovantes, os vencedores, os financeiros de alto coturno, os banqueiros de polpa, em cujos cofres se precipita o grosso caudal das fortunas, dos valores, dos bens daqueles a quem arrazaram; ao mesmo tempo que os escoraçados do pavoroso prelo não tem outro recurso senão ir alistar-se nas legiões do operariado cujo sofrimento vão, por esta forma, aminorar...

Um processo contínuo de absorção que a poderosa finança exerce por todos os modos e feitios. Ela em tudo se insinua: nos empréstimos aos Estados e aos particulares, na alta indústria; no alto comércio; em quaisquer empresas de lucros garantidos; até na imprensa e dentro do país ou fora dele. Ela é a principal assambradora de todos os negócios seguros, imperando nos mercados, fazendo a alta ou a baixa conforme o seu interesse, sendo senhora absoluta da economia social. E como não conhece fronteiras, sendo cosmopolita por natureza, vê-se que enorme influência a finança estrangeira, por detrás dos seus representantes, os governos, e a descoberto, também, terá em país de largos recursos mas, depauperado por oligarquias insaciáveis como o Portugal.

Ora estando a nação portuguesa engravada em dívidas, não produzindo, não exportando; tendo um desequilíbrio aterrorizante na balança comercial; fechando as suas gestões com déficit; o estrangeiro, tomando conta desse estado de coisas, vem mas é realizar os seus capitais acrescentados dos juros leoninos que entende; fazendo trabalhar a grande massa dos proletários de todas as espécies no sentido único do engrandecimento do próprio nome e bem-estar; sugando todas as receitas; apropriando-se de todas as energias; obtendo compensações de todo o género em territórios, em braços e em sangue!

Se a conquista é o roubo em ponto grande, este roubo tanto se faz com os canhões como com os financeiros; e, desde que uma nação faz mão baixa sobre outra por aquela forma ou por esta, só sendo forçada a isso, ela a levantar.

Não! Trabalhadores! Aqueles que julgam ser um remédio para a sua miséria a intervenção de estrangeiros nos negócios do país; que creem honrar o nome de portugueses entregando a gerência da sua pátria aos credores de fora, estão iludidos sob qualquer destes dois pontos de vista. Da forma por que as sociedades estão organizadas, eu nunca defenderia a ideia de uma administração estrangeira tutelando o meu país. Acho indigno e deprimente só conceber essa ideia, quando mais levada à prática.

E aqui está como, não sendo patriota, dou provas de mais patriotismo que esses ingenuos que tanto clamam pelo estrangeiro...

NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Uma modinha nova, de cunho nitidamente popular, bem destacante na insonsa série das canções obscenas das revistas, há semanas me vem blandiciando os tímpanos. Assobia-a nas ruas a garotada descalça, cujas facilidades de assimilação musical são prodigiosas. E ontem me surpreendi várias vezes, no curso do labor oficial, a trautear aquelas ingénuas frases metódicas que o assobio desatinado dos gavroches me ensinara:

lá, lá-rá-rí, lá-rá-rá, lá... Houvesse cá na tipografia caracteres próprios, e aqui reproduziria em toda a cantiga, — meia dúzia de compassos binários, afinal, — para integral elucidação dos leitores.

Onde teria nascido a simpática canção, tam modestinha e simples, bonita com tudo, e excelente para desenojar-nos os ouvidos da Rosa, a que enxota o pinto, da varina, a que vai ao condé, e de várias herólicas que começaram a ser felizes para nosso desespero? Dei-me à tarefa de sabê-lo e vim a averiguar que a nova modinha teve sua origem em terras da Beira Baixa, mais especificadamente em Orjaís, freguesia arredada 14 quilómetros da Covilhã. A aldeia tem quatro tendas, a do Aldeia, a do Antunes S. João, que também negocia em vinhos, a do Pinheiro da Fonseca, que é o regedor e a do Maximino Lopes Pinto. Barbearias há duas, pertencendo uma ao Joaquim Damião, e a outra ao José da Fonseca. Já da insignificância da povoação se pode avaliar bem, sabendo-se que bastam dois fíguros para rapar os queixos aos varões barbados de toda aquela exígua redondeza. Meio primitivo, segundo me informam, apesar de servido por uma estação de correios. Costumes meio bárbaros ainda, e na pronúncia um sotaque especial, que canta a frase, e põe no fim das palavras uma partícula impossível de escrever satisfatoriamente, um cicio típico, que não é *chum nem jum*, mas qualquer coisa de intermédio entre os dois sons: — O Mandijum, anda cá vê-jum! Pois é assim a gente que, entre a barbearia do Damião e a locanda do Fonseca, soube compôr aquela modinha agradável que já a garotada apanhou e aí assobia pelas ruas: «Como chegou a Lisboa o produto dos talentos musicos da população de Orjaís? Chegou com a própria população. Orjaís está despojado. Emigrou um, vieram quasi todos atrás dele. Orjaís mudou-se para Lisboa, e veio instalar-se no telheiro de S. Vicente. E' ouviu-los os domingos, na sua gralhenta algaravia: — «Canta lá tu, ô Antôinijum!» E o Antôinijum canta: lá, lá-lá-rí... Depois conta o Mandijum, o Jaquimjum, cantam todos, e durante a noite a modinha subsidia a animação. Lá, lá-lá-rí... E' em que se emprega toda essa gente rechinchegada, que na sua terra trabalharia fecundamente, esforcadamente, nos misteres agrícolas? Metade, está na guarda republicana. A outra metade alistou-se na policia. Um ou outro que, por excepção, ainda não está uniformizado, dá serventia a pedreiro, à espera da admissão. Orjaís é um caso. Há muitos semelhantes. Os trabalhadores fogem da provincia e do exodo, outrora regado e gradual, é hoje uma torrente caudalosa, uma verígem, uma loucura. O estado vai recrutar nesta gente simples, analfabeta e inconsciente, os seus defensores. E, assim, em cada ano temos tantos alqueires de trigo a menos e uns tantos janizaros a mais. E' o mal que alastra e se aprofunda. Entrementes, a população faminta, numa resignação que assombra, vai cantando, e já aí a ouvimos, tentando a modinha de Orjaís: lá, lá-lá-rí...

reção. Os contra-ataques continuam ao norte do Narewa.

As duas ofensivas atingiram muito rapidamente o seu objectivo, tendo por resultado desembarcar completamente a margem norte do baíro Narewa e retomaram os fortes de Serock, na confluência do Bug e do Narewa, estabelecendo a linha natural da defesa de Varsóvia.

Na linha férrea de Varsóvia a Dantzig os polacos ultrapassaram o seu avanço Ciechanow, a 25 quilómetros ao sul de Ilawa. Esta acção, que prossegue com êxito, obrigará a bater em retirada os elementos bolchevistas que se avariaram na direcção de Plock e de Thorn.

A população de Varsóvia aclama entusiasticamente os oficiais franceses, que não contentes em guiar com os seus conselhos as operações, tomaram pessoalmente parte nos combates que livraram a capital polaca de ser tomada pelos bolchevistas.

Rádio.

subtraír-nos a fim; alcançar a nossa felicidade e dar fim às injustiças sociais. Conjuguem-se todos os nossos esforços nesse sentido e a vitória será nossa!

A pátria que devemos defender é a causa do proletariado universal, a nossa causa, a nossa dignidade, a nossa liberdade, mantendo sempre firmes as nossas esperanças em que virá uma era de justiça para todos quantos sejam para que ela venha. A nossa suprema glória, a nossa honra inarredável está em nós próprios conquistarmos as nossas realidades, a nossa felicidade sem esperarmos que outros nos as tragam.

José Carlos de SOUSA.

Pessoal da Imprensa Nacional

O parlamento sanciona as suas justas reclamações

«Teve ontem o seu epilogo, no parlamento, o movimento que o pessoal da Imprensa Nacional vinha mantendo há tempos, movimento que levou o mesmo pessoal à paralisação do trabalho durante o espaço de 25 dias e no qual demonstrou a mais perfeita solidariedade e coesão do que resultou, devido aos aturados esforços da sua comissão delegada, uma vitória absoluta, pois que o pessoal acaba de ver coroada do mais completo êxito as suas justas reclamações.

O esforço despendido para que as dificuldades que se lhe antolham fôsem vencidas, demonstrou à evidência que o pessoal da Imprensa Nacional soube, num momento grave, difícil, manter-se numa bela coesão de esforços para assim se afirmar vencidamente, pondo de parte vaidanças pessoais, que criminosamente eram exploradas por quem tinha interesse que essas mesmas dissensões se corporizassem e mantivessem.

Aperceberam-se, e ainda muito a tempo, todos os indivíduos que ali exercem a sua actividade, de que esse caminhar errado e que, a manterem-se essas velhas dissidências, jamais seria possível a satisfação das suas modestas aspirações.

Acaba, pois, de criar-se a dentro da nova era de concordia entre todo o pessoal, o qual, disso estamos certos, saberá marchar, de futuro, estreitamente unido, como convém a todos aqueles que estão julgados ainda à ferrea lei do salário.

A acção exercida pela comissão delegada do pessoal junto das autoridades oficiais foi a mais constante e aturada, de modo a destruir todas as tentativas postas em prática por quem se esforçou, embora veidamente, por que as aspirações do pessoal não tivessem a sanção do parlamento.

Deve o pessoal da Imprensa Nacional ter bem presente que só pelo seu esforço e pela manutenção duma estreita solidariedade entre si consegue ver satisfeitas as suas legítimas aspirações,

de esperar sendo que enverede por um novo caminho, não se prestando, portanto, a alimentar de futuro, os desgostos de quem tam subtilmente tem sabido explorar a sua desunião.

Para que essa acção tome a orientação devida é mister que todo o pessoal ingresse no seu sindicato, fortalecendo-o, dando-lhe a vida que com custo tem sido mantida por um punhado de dedicados camaradas que, arrastando com a indiferença da maioria, acaba de levar a bom termo, e com uma vitória absoluta, o seu grandioso movimento.

Deve, portanto, essa indifferente maioria reconhecer hoje que só pela acção sindical se pode obter a unificação do pessoal e nunca pela acção de daqueles que, seus inimigos, sabem aproveitar a seu modo, essa adulação, pondo em risco os interesses de todos os que deles estão dependentes.

Perfeito Lavradio

A CARESTIA DA VIDA E A QUESTÃO DO INQUILINATO

Promovida pela U. S. O., realiza-se hoje, pelas 20 e meia horas, na sede da Associação de Classe dos Caixeiros, Rua António Maria Cardoso, 20, a oitava sessão contra a carestia da vida, defesa do inquilinato e defesa da sociedade A Voz do Operário.

Convida-se o público a assistir.

União dos Sindicatos Operários

AS GREVES

Pessoal da Casa da Moeda

Do Comité recebemos a seguinte nota:

«Mais uma vez ficou demonstrada a boa vontade do Administrador da Casa da Moeda, para com o pessoal operário deste estabelecimento.

Tendo o ministro das finanças dado carta branca para esse senhor resolver o conflito, só passados 10 dias é que apresentou um projecto de lei para beneficiar esses operários, mas ainda com uns salários inferiores aos concedidos aos operários da Imprensa Nacional, e sendo esse trabalho apresentado no parlamento pelo ministro das finanças, que requerer para ele urgência, o referido administrador, que é deputado e que lhe compete interessar-se pelo assunto, nada fez e mesmo no decorrer da discussão do projecto da Imprensa Nacional, quando se pedia igualdade de salários para a Imprensa da Universidade de Coimbra, nada disse sobre a Casa da Moeda, o que é sintomático.

Portanto, camaradas, o vosso Comité diz-vos que quem se mantém há 41 dias em luta, por uma causa tam cheia de justiça, tem a coragem para esperar mais uns dias, para que a vitória seja um facto.»

Condutores de carroças

Continua em sessão permanente registando novas adesões que se elevam já ao número de 288.

Resolveu convidar todos os condutores das casas que ainda não aderiram, a comparecer hoje à grande sessão que se realiza às 20 horas, na sede da associação.

Protestou contra o procedimento de certos policiaes, que tem proibido o distintivo nas carroças, cujos proprietários já aderiram e, segundo diz o governador civil, esses policiaes procedem sem autorização superior.

As comissões de vigilância não devem deixar de comparecer hoje à reunião.

Pessoal dos electricos

Mais uma vez reuniu o pessoal, em assembleia magna, com uma extraordinária concorrencia, para apreciar a marcha do seu movimento que se ardeia criminosamente por parte de alguns daqueles a quem se deve esta situação desgraçada em que o pessoal e o público se encontram com a paralisação da viação electrica.

Aberta a sessão com o camarada Carlos Fortes na presidência, muitos camaradas fazem uso da palavra, manifestando-se com grande calor e revolta contra os verdadeiros culpados.

Foi lido o officio das camaradas da carris do Porto, que foi recebido pela assembleia com grande manifestação de regosio pela maneira satisfatoria como foi solucionado esse movimento. Mais alguns camaradas fazem uso da palavra, sendo depois lido o comunicado do comité central de greve, que foi apreciado com o maior entusiasmo pela assembleia, que é assim redigido:

Presados camaradas: E' com a máxima satisfação que o vosso comité hoje vos saudá, pois completando o 20.º dia de greve, vê que o moral da classe a que pertencemos está tam forte e solidaria como no primeiro dia de luta. Camaradas: a vossa comissão foi por nos enviada a Associação Industrial e fim de dar cumprimento ao exposto na moção por vós ontem aprovada e com o que o vosso comité concordou, apesar da mesma ter sido aprovada sem que tivesse expressa a condicão da mesma deixar ao comité para este lhe dar o seu parecer, o que, porém, esperamos de futuro não tornar a acontecer, visto o comité estar encarregado de dirigir a greve.

Camaradas: por um delegado de comunicação foi este comité informado de que a solução do conflito se aproxima, mas para que seja com victoria para a classe, é necessário que vós sabeis manter com energia e uniao até que as reclamações sejam integralmente atendidas, não devendo nunca abdicar do pagamento dos dias em que esta classe se mantiver em greve, só retomando o trabalho quando este comité o ordenar.

Este comité termina por vos aconselhar a máxima uniao e firmeza e que não haja precipitações e nem se flem nos balões de ensaio publicados na imprensa burguesa, e sendo assim desitido em breve a victoria será para nós um facto.

Avante pelos dias de greve! Viva o pessoal da Carris! Abaixo os vigaristas! Vivam todas as classes em total uniao! Viva a C. G. T. e ao nosso jornal A Batalha!

A assembleia reúne hoje, pelas 15 horas.

Classes maritimas

Avistou-se ontem com o ministro da Marinha, uma comissão da Federação Marítima, para resolver a forma de se solucionar o conflito dos marinheiros e moços e inscritos marítimos, sobre os pedidos de aumento de salário dessas classes. Devido a não poder ser resolvido esse assunto sem que para isso fosse nomeada uma comissão de armadores e dos marinheiros, para estudar a forma de se solucionar o conflito, foi resolvido que essa comissão ficasse nomeada, no prazo de 5 dias apresente uma solução, devendo essa comissão reunir amanhã, pelas 11 horas.

As duas classes reunidas, em sessão

greve dos descarregadores de mar e terra

No dia 29 do mês p. p. reuniu a assembleia geral desta classe, para tratar de pedir aumento de salário, sendo resolvido pedir aos industriais mais 90 %, entregando-se as reclamações no dia seguinte.

Sendo alguns deles entrevistados pelas comissões, só no dia 12 do corrente se obteve a resposta, dando os industriais fabricantes de cortiça 20 %, e a negreira Companhia dos Vidros da Amora 10 %, não succedendo o mesmo com os industriais de pequeno fabrico, os quais satisfizeram todas as reclamações.

No dia 13 reuniu mais uma vez a classe, sendo apreciada pela assembleia a resposta dos industriais, e em vista de tem irritada resposta, resolveu declarar a greve aos três industriais Mundet & Son, Carlos Nicander e Companhia Vidreira da Amora, encerrando-se a sessão aos vivas à greve, Batalha, Federação Marítima e a todos os trabalhadores organizados.

Se houver guerra com a Rússia

Será declarada pelo Conselho de Acção a greve nos ramos dos abastecimentos

LONDRES, 19. — O Conselho de Acção, decidiu a sua politica no caso de guerra com a Rússia. Não será declarada uma greve geral, mas sim todos os ramos necessários ao fornecimento de abastecimentos e outros necessários aos serviços da guerra. — Rádio.

Operários mecânicos da fábrica Quatro de Março

A comissão de melhoramentos do Sindicato Unico da Construção Civil entrevistou ontem o industrial da fábrica de Quatro de Março no sentido de que fossem atendidas as reclamações dos operários mecânicos em madeira. Depois da entrevista, ficou solucionado o conflito, com a seguinte tabela de salários:

Moldadores, 4\$60; serra-rolas, 4\$50; serra sem-fim, 4\$50; garlopas de aparelho, 4\$50; garlopas de moldar, 4\$60; limador, 4\$20; ajudante de limador, 2\$50; plana de moldar, 4\$90; plana de solho e fôrro, 4\$50; máquinas de circular; meios oficiais, 3\$50 e 3\$20; furador, 4\$00; serventes, 2\$50.

Os grevistas retomam hoje o trabalho.

NO PORTO

Está de momento solucionado o conflito da viação electrica

Da Liga das Artes de Viação Portuense recebemos a seguinte comunicação:

PORTO, 17. — Somos a comunicarmos que se encontra momentaneamente solucionado o conflito, que tínhamos aberto com a nossa administração para conseguirmos melhorar a nossa situação económica, nas seguintes condições:

1.º Um aumento de 1\$25 provisoriamente até Janeiro a todos os empregados e operários.

2.º Serem preenchidas as vagas de classe e de quadros, sendo admitido todo o pessoal sem represalhas.

A classe retomou o trabalho disposta a continuar reivindicando melhoria de situação, até que chegue o tam anseado dia da emancipação do proletariado.

